

Ary 1500

MUSEU HISTÓRICO  
BIBLIOTECA

# O RIO É DOS PORTUGUÊSES

## O DIABO EXISTE

Paris, 1567

«O diabo existe, é inepá-  
vel do dogma teológico, mas  
mesmo com a ajuda dele os  
feiticeiros só conseguem com-  
eter delitos e mistificações» —  
esta, a tese defendida pelo mé-  
dico belga John Wier, grande  
estudioso de assuntos diabóli-  
cos, já tendo mesmo uma obra  
publicada. O dr. Wier admite,  
ainda, que os bruxos, ao trata-  
rem com o diabo, são absolu-  
tamente ineficazes em seus  
processos, fundamentados ape-  
nas na fantasia.

«Os feiticeiros — admi-  
tiram suas operações intesira-  
mente sem razão de ser, à  
força de pretender executar as  
ordens do diabo. E essas ope-  
rações tornaram-se tão estran-  
has quanto ridículas, acredi-  
tando causar perturbações  
atmosféricas e outras».

Sobre a punição aos adeptos  
da feitiçaria, que vem ocorren-  
do em massa e pelos proces-  
sos mais primitivos, o médico

— que está de passagem por  
esta cidade — declarou a O  
BRASIL EM JORNAL: «To-  
dos os que se arrependerem e  
reconhecerem sua loucura de-  
vem ser perdoados. Em caso  
de obstinação, uma retratação  
pública, como ordena o Papa,  
representaria uma sanção su-  
ficiente, nunca, porém, matá-  
-los cruelmente».

## PROIBIDO JOGO

Rio de Janeiro, dezembro, 1566

Para restabelecer a discipli-  
na e acabar algumas contendas  
que ameaçavam a sobrevivên-  
cia da própria cidade, o capi-  
tão Estácio de Sá decidiu  
proibir as cartas e os dados.

Diante do fracasso da proi-  
bição, Estácio de Sá baixou,  
agora, novas ordens: quem  
quiser, jogue; mas, quem o  
fizer e fôr surpreendido pelas  
autoridades, terá de pagar  
multa de 100 réis, que rever-  
terá para a confraria de São  
Sebastião.



Em flagrante exclusivo de O BRASIL EM JORNAL reproduzimos os primeiros momentos do ataque às posições tamoio-francesas de Uruçumirim na Guanabara. Em primeiro plano, de costas, vemos o capitão Estácio de Sá de espada na mão, cercado por um índio e por um soldado que carrega seu arcabuz. No barco que os nativos empurram para a praia, está o governador Men de Sá ostentando seu pavilhão de comandante-em-chefe. Ao fundo o combate se desenvolve em torno do forte artilhado.

Pouco depois de fixado esse flagrante, o capitão Estácio foi ferido no rosto por uma

flecha. O ferimento, considerado sem impor-  
tância, se degenerou, talvez por descuido,  
em ferida infectada, cuja triste consequência  
foi levar ao túmulo o grande comandante de  
S. Sebastião.

Neste número divulgamos os despachos  
de nossos correspondentes sobre os aconteci-  
mentos que culminaram com a expulsão total  
dos franceses da baía de Guanabara, assim  
como as notícias detalhadas do que sucedeu  
no Rio de Janeiro nestes anos de graça de  
1566 e 1567. Na página 2 os leitores encon-  
trarão a primeira da série de reportagens  
publicadas nesta edição.

## NO RIO NINGUÉM QUER SER TABELÃO

Rio de Janeiro, 11, março, 1567

Em menos de seis meses,  
desde setembro do ano passa-  
do até hoje, quando foi no-  
meado Baltazar Fernandes,  
quatro pessoas serviram como  
tabelião público e do judicial  
e três delas abandonaram o  
pôsto, pretextando excesso de  
trabalho.

**o Brasil em Jornal**

1566/67 N.º 24	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Preço único Cr\$ 15,00
-------------------	-------------------------	---------------------------

## Bordoadas

### por causa de bordão

Rio de Janeiro, 30, outubro, 1566

Ninguém está proibido de usar bordão ou vara, para esca-  
lar os íngremes caminhos desta cidade, mas, quem o fizer, terá  
de respeitar determinadas regras, sob pena de perder vara ou  
bordão, pagar multa e, se acaso se exceder, responder a um pro-  
cesso penal.

Este último caso foi o que aconteceu, por exemplo, a Gaspar  
Rodrigues de Moura, agora às voltas com a justiça.

Há dias, Gaspar passeava no recinto do fortim de São  
Sebastião, orgulhosamente apoiado em seu bordão de tamanho  
e qualidade que não condiziam com sua modesta origem, quando  
cruzou com o bastão legal e zeloso do alcaide-pequeno (vice-  
alcaide) Francisco Fernandes.

O cuidadoso agente da lei interrompeu o passeio de Gas-  
par, tomou-lhe o bordão e comparou-o com o que levava. «Maior  
que o meu !?, disse. Pois o senhor está multado em dois tos-  
tões pela ousadia». Ato contínuo, tomou do serrote e aparou o  
bordão de Gaspar a uma altura que não afrontasse o seu bor-  
dão-símbolo.

Houve trocas de palavras, Gaspar prometeu vingança e o  
incidente encerrou-se para a tranqüilidade do bastão restabele-  
cido em sua autoridade.

Mas Gaspar, se bem prometeu, melhor cumpriu. Na se-  
gunda-feira da semana passada, dia 21, quando Fernandes fazia  
com seu bordão o serviço de ronda noturna, Gaspar Rodrigues  
deu-lhe uma tremenda surra de pau. Em consequência, teve de  
fugir, enquanto o vice-alcaide, atendido pelos médicos, apresen-  
tava queixa ao capitão Estácio de Sá.

Hoje, ainda fugido, Gaspar solicitou do capitão, por inter-  
médio de amigos, o arbitramento de sua fiança, a fim de voltar  
à fortaleza e defender-se sóto. Despacho de Estácio: «Sim,  
desde que pague 100 cruzados, enquanto aguardar, dentro de  
seis meses, julgamento».



## Sangue mancha o trono da Escócia

«Senhora ! Matam-me ! Jus-  
tiça !...» Com estas palavras  
desesperadas e agarrado ao  
saia da rainha Maria Stuart,  
David Rizzio vê chegar o fim  
dos seus grandiosos sonhos de  
domínio, enquanto Maria, apa-  
vorada, não tem forças para  
reagir. Logo após a trágica  
cena colhida especialmente  
para O BRASIL EM JORNAL,  
teve início o massacre. A pri-  
meira punhalada foi de

por Jorge Douglas, com o pró-  
prio punhal do príncipe con-  
sorte, Darnley, que se vê ao  
lado de espada na mão. Cha-  
mou-a o autor de «punhalada  
real». O sangue de Rizzio em-  
papou a saia da rainha, en-  
quanto Maria Stuart, em meio  
às punhaladas que se suce-  
diam, desferidas por dezenas  
de mãos, bradava horripizada,  
apontando o marido: «Trai-  
dor ! Traidor ! Filho de um

traidor !»  
Esse foi o drama que abriu  
a série que agora se encerra,  
depois do assassinio do próprio  
rei, com a abdicação de Maria  
Stuart que deixa no trono es-  
cocês um menino de 1 ano, um  
mês e 10 dias.  
Os dramáticos acontecimen-  
tos sucedidos na Escócia estão  
narrados em despachos de nos-  
so correspondente, publicados na  
página 7 desta edição.



491  
12.2614

# Rio é dos portugueses

Rio de Janeiro, 20, janeiro, 1567 (Do enviado especial)

Cinco franceses pendurados em fôrças, à frente do fortim de Uruçumirim, que eles ajudaram a defender obstinadamente, até hoje à tarde, balançam ao vento e assinalam a vitória das armas luso-brasileiras na primeira grande tentativa de libertar esta cidade.

No momento em que redigimos este despacho, a luta pela posse do Rio continua. No fundo da baía, brasileiros e portugueses atacam a ilha de Parnapocu e o estrondo dos canhões chega até onde estamos, nas ruínas de Uruçumirim, ao lado do valente capitão Estácio de Sá, ferido no rosto por uma flechada.

A poucos passos de nós, entre os índios aliados mortos em combate, está o cadáver de Gaspar Barbosa, que ainda hoje de manhã se lançou ao ataque com o entusiasmo de uma criança. A morte de Barbosa e o ferimento, embora leve, de Estácio, deixaram o governador Men de Sá abatido, mas não lhe tiraram a decisão de expulsar franceses e tamoios do Rio de Janeiro.

O governador Men de Sá chegou ao Rio anteontem. Estávamos a poucos passos do local em que Estácio, seu sobrinho, o esperava para os abraços e cumprimentos. Explicou-lhe o governador que viera para, obedecendo a ordens do reino, assumir o comando geral do combate contra os franceses.

Estácio deu-lhe conta das dificuldades por que passávamos. Disse-lhe como nomeara autoridades e doara terras para o estabelecimento da cidade. Tudo como noticiamos em nosso último despacho.

Francisco Velho adiantou-se e contou ao governador o que se passou em julho do ano passado, durante um dos inúmeros combates contra os tamoios.

«Sob o comando de um chefe tamoio de Cabo Frio, Guaixará, 180 canoas decidiram combater nossos marujos. Algumas canoas indígenas se adiantaram até menos de uma légua do arraial. Eu, explica Francisco, pressenti o golpe e lancei-me à ofensiva. Era uma cilada. Logo, 180 canoas nos cercaram e tentaram dizimar-nos. Da aldeia, o capitão Estácio percebeu a manobra e veio ajudar-nos. Ele também se viu de repente cercado e a situação ficou preta para nós. Nesse momento, quando um de nossos homens disparava sua arma, o depósito de pólvora de uma embarcação explodiu e a mulher de Guaixará, em sua canoa, apontou aos gritos para o céu: o santo padroeiro da cidade, São Sebastião, pairava sobre nossas canoas como a ajudar-nos. Os gritos de espanto da índia levaram o pânico aos inimigos que, apesar de bastante superiores em número, puseram-se em fuga».

## MEN DE SA DOENTE

Da conversa a que presenciamos, entre Estácio e seu tio, destacamos:

— o governador está bastante enfermo. No Espírito Santo, caiu doente e teve de ficar em repouso alguns dias. Ainda não está bem, mas acha que sua tarefa tem de ser executada sem medir sacrifícios;

— partiu de Salvador em novembro do ano passado, com o capitão Cristóvão de Barros, que ali chegara vindo de Lisboa em 26 de agosto, com uma armada de três galeões;

— em sua companhia vieram: o bispo do Brasil, D. Pedro Leitão, o visitador recém-chegado Inácio de Azevedo, o provincial dos jesuítas brasileiros Luís da Grã, o padre (ordenou-se na Bahia) José de Anchieta e Salvador de Sá, sobrinho de Men de Sá;

— de Pernambuco veio-lhe um auxílio de 100 homens armados; e

— em Pôrto Seguro recebeu a adesão do capitão Gaspar Barbosa, que agora morreu.

Outra medida tomada por Men de Sá, em Ilhéus, foi a assinatura de novo decreto de nomeação para o provedor da fazenda real, sr. Estêvão Peres. O provedor esquecera em Salvador seu decreto e estaria impedido de trabalhar no sul.

Ao crepúsculo, anteontem, dia 18, a esquadra de Men de Sá, composta dos 3 galeões portugueses de Cristóvão, dois navios e 6 caravelões, entrou na baía da Guanabara.

Na praia onde estávamos, quando avistamos a primeira vela em alto-mar, por instantes nos assustamos: receávamos que se tratasse da frota de Bois-le-Comte, esperada a qualquer momen-

to. Ao divisarmos a Cruz de Cristo, vermelha, nas velas, suspiramos aliviados.

Após o desembarque das tropas, houve reunião de conselho de guerra na fortaleza. O governador, diante do parecer de todos os capitães, decidiu dar descanso às tropas ontem e realizar o ataque aos franceses hoje.

Ao amanhecer, a soldadesca foi dividida em batalhões comandados por Estácio de Sá, Cristóvão de Barros e Gaspar Barbosa.

Anchieta, o bispo Leitão e os demais sacerdotes rezaram missa e batizaram alguns selvagens, antes do ataque.

O assalto à posição francesa começou ainda pela manhã. Os inimigos estavam numa posição elevada, entre a aguada da Carioca, onde há a casa de pedra, e a nossa aldeia. Seu chefe era o tamoio Biroaçu-mirim, que ajudou a defesa estimulado por artilheiros franceses. Depois de algumas horas, a fortaleza rendeu-se. Os franceses que não conseguiram fugir foram enforcados, para exemplo dos demais. Eram cinco. Do nosso lado, além da morte de vários índios, tivemos a perda de Gaspar Barbosa e o ferimento sem importância de Estácio de Sá.

## PARNAPOCU RENDEU-SE

Rio de Janeiro, 4, janeiro, 1567

Cessou em Parnapocu toda a resistência de tamoios e franceses, após três dias e três noites de combate. Araribóia e seus comandados dançam de alegria na praça hoje ocupada, diante de uma multidão de cadáveres.

Perto de mil índios inimigos, que resistiram com obstinação e coragem que nos espantaram, foram reduzidos ao completo silêncio. Cada lance da cerca ocupada custou-nos sacrifícios sem conta. Ontem, quando abrimos uma brecha na defesa tamoia, penetramos no fortim e aniquilamos uma infinidade de índios. O combate parecia decidido. Mas um grupo de inimigos refugiou-se numa casa forte e resistiu-nos até a morte.

Alguns tamoios, durante o combate, entregaram-se a nossos soldados, pedindo clemência.

Parnapocu fica à beira da grande ilha de Maracaiá e sua ocupação, na opinião de Men de Sá, permite-nos a posse definitiva da cidade. De um outro ponto fortificado no interior desta região, os inimigos vieram, logo que souberam da tomada de Parnapocu, pedir-nos pazes. O Rio, hoje, é inteiramente nosso!

## ESTÁCIO MUITO MAL

Rio de Janeiro, 31, janeiro, 1567

Depois da vitória completa sobre os inimigos, só um acontecimento entristece os vencedores. Estácio de Sá, ferido no ataque a Biroaçu-mirim, está cada vez pior do ferimento que recebeu. O rosto, na parte atingida pela flechada, apresenta-se inchado e o capitão começa a ter febres altas. A flecha foi retirada, mas os cirurgiões que o assistem receiam que se trate de uma infecção.

A par deste triste acontecimento, o governador Men de Sá nomeou, ontem, para tesoureiro dos defuntos o sr. Pedro da Costa. O ato do governador visa a acautelar os interesses de muitas famílias de companheiros que pagaram com a vida a conquista desta cidade.

# É dominicano novo papa: Pio V

Roma, 8 de janeiro, 1566



Os partidários do rigorismo religioso, que tiveram queixas do papado de Pio IV, conseguiram um grande êxito com a eleição do novo Papa. O cardeal Michele Ghisleri, dominicano, que acaba de ser eleito — tomando o nome de Pio V, adiantamos em primeira mão — era o candidato dessa corrente.

Ghisleri é um lombardo de 61 anos, que entrou para a ordem de S. Domingos em 1544, entregando-se inteiramente à dureza monacal e à pobreza exigidas por sua ordem.

Foi inquisidor na Lombardia, bispo de Sutri (nomeado por Paulo IV, em 1556), cardeal no ano seguinte, grande inquisidor em 1558. Serve desde 1560 na Sé de Mondovi, para onde foi transferido por seu antecessor. De lá saiu agora para as eleições no Vaticano, em que seu nome foi vitorioso.

## ARQUITETURA



Já apresentamos, em nossa coluna social, a fachada do castelo d'Anet, de Diana de Poitiers, construído por Philibert De L'Orme, de 1545 a 1555. Neste ano da morte de sua proprietária, a grande favorita de Henrique II, achamos oportuno apresentar pela primeira vez aspectos internos do palácio, nesta seção de arquitetura. O «Anet», aliás, é não só um dos mais suntuosos castelos de França, como, sob o ponto de vista arquitetônico, um dos mais belos.

Apresentamos um maravilhoso aspecto da ala esquerda do castelo, vista do lago, e uma visão dos fundos de sua capela, com o pequeno detalhe de um jardim, em primeiro plano. A capela está situada em um dos recantos mais pitorescos do palácio: toda cercada de árvores e diante de um chafariz.

## NOVOS PREÇOS DE "O BRASIL EM JORNAL"

Premidos pelo encarecimento constante de todo o material de imprensa, somos forçados, a partir deste número 24 inclusive, a aumentar o preço do número avulso para Cr\$ 15,00, continuando os atrasados com esse mesmo custo. As assinaturas custam agora Cr\$ 300 para 24 números, a partir do nº 25. As aéreas custam Cr\$ 350. O volume I de «A História em Notícias» (14 primeiros números) continua a custar Cr\$ 300. Atendemos a encomendas pelo Reembolso Postal, tanto para os volumes (já está se esgotando a 2ª edição) como para 4 ou mais exemplares atrasados.

Para colégios, escolas, faculdades e estabelecimentos de ensino em geral, estamos oferecendo um PLANO ESCOLAR CONJUNTO, altamente vantajoso, desde que as assinaturas e compras de volumes ou atrasados sejam feitas em grupos. Escrevam para o nosso endereço e daremos informações detalhadas a respeito desse plano.

# "Volta à França:" 3.600 quilômetros durante 830 dias

Paris, 1º maio, 1566 (Do enviado especial à caravana da «Volta à França»)

Depois de 830 dias de viagem por 3.600 quilômetros de estradas, chegou hoje a esta cidade a caravana real que completou a primeira «Volta à França», expedição sugerida a Catarina de Médicis por Montmorency para «apresentar o reino a Carlos IX».

No último despacho que enviamos, informamos que uma forte tempestade ameaçava cair sobre Montpellier. Realmente, no dia seguinte, a cidade amanheceu cercada por uma muralha de neve e durante dez longos dias, a corte esteve encerrada na cidade.

Só no dia 1º de fevereiro de 1565, se atingiu Toulouse, onde uma fabulosa festa nos esperava. Quatro mil militares formavam alas à entrada da cidade.

Os membros do Parlamento vieram ao nosso encontro, vestidos com suas longas capas vermelhas. Nesse instante, o canhão de Castres — com a sua inscrição: «A palavra de Deus fica eternamente» — iniciou a salva de honra.

«NÃO SOU PAPISTA»

No dia seguinte, 2 de fevereiro, dia da Purificação, foi celebrada uma grande missa na catedral Saint-Etienne. Quando Carlos IX entrava na igreja, acompanhado de seus irmãos e de seu primo Henrique, rei de Navarra, houve um desagradável incidente. O pequeno bearnês, huguenote que é, parou na porta, mãos na cintura, e disse: «Eu não entro. Eu não sou papista». Súplicas e exortações foram em vão. Henrique de Navarra permanecia imperturbável diante da porta.

Foi então que, impaciente e irritado, Carlos IX fez valer sua autoridade de rei e de mais velho (três anos): «Eu te forcei a entrar». E arrancando o chapéu do primo, empurrou-o para dentro da cate-

dral. Mas Henrique não se abalou e rindo respondeu em bearnês: «Beth chapeü, Moussu, si ere boste !», («cuida tua vida, que eu cuido da minha»). E durante todo o santo ofício ficou imóvel sob o pórtico da igreja.

FILIPE NÃO FOI

Em Toulouse passou-se o carnaval (com mascarada e tudo) e a Quaresma e depois, por Montauban e Agen, ganhamos Bordeaux e em seguida Bayonne. Nesta cidade, Catarina achou que era o momento para fazer o seu jôgo casamenteiro com a bonita e insubornável Margot, a quem ela queria dar como marido o filho de Filipe, o príncipe Carlos.

Filipe não se dignou a vir comparecer ao encontro marcado e mandou em seu lugar a esposa Isabel e o duque de Alba. Grande foi o prazer de Catarina em abraçar Isabel, mas maior foi a decepção, pois ela queria conversar com o rei «de comadre para comadre». O seu projeto fracassou.

Mas a viagem continuou, um pouco ensombrecida pelos

fracassos da rainha-mãe. Em pouco tempo a caravana ganhou Dax, Mont-de-Marsan, e finalmente Nérac, a capital de Jeanne d'Albret. Ai, houve um torneio de arco e flecha entre os meninos reais. E desta vez, Henrique de Navarra recusou-se terminantemente a conceder a vitória ao seu primo rei. Em Nérac ele tem a sua plateia e por isso queria brilhar.

De Nérac a Paris viajou-se sem incidentes completando esta maratona real que circundou todo o território francês pela primeira vez na história.

## LAPIDADORES QUEREM PROVAS DE LAPIDAÇÃO

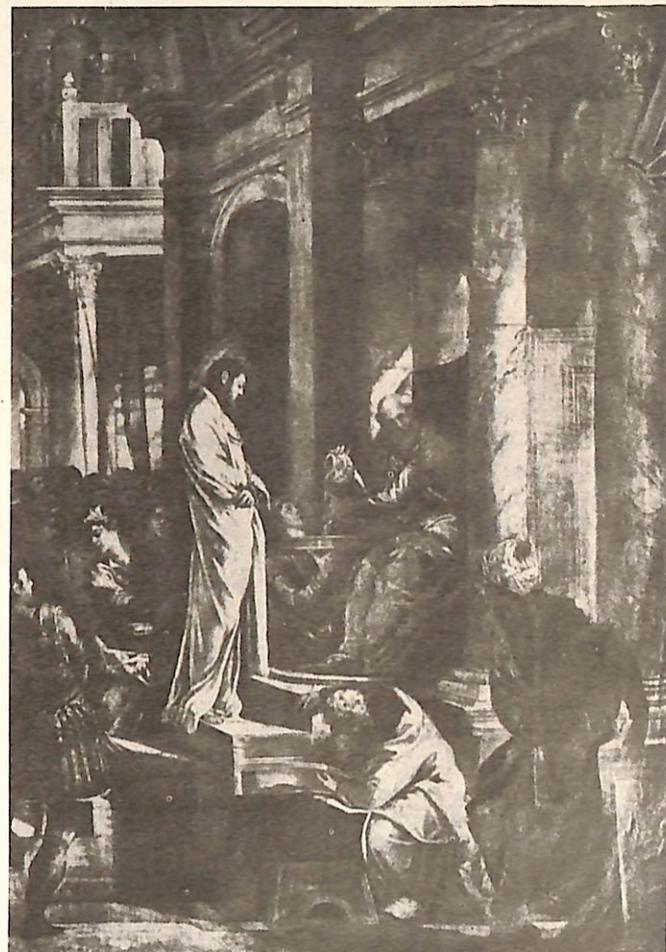
Lisboa, 1566 (Do correspondente)

«Lapidar três diamantes (um de um quilate, outro de mais de um quilate e com facetas e o último delgado) e um rubi e uma safira, diante de juizes especialistas no ofício» — este o pedido agora encaminhado à Câmara desta cidade pelos lapidadores portugueses.

Ditas lapidações, quando aceites pelos juizes, confeririam grau de lapidador profissional ao examinando.

A petição é assinada entre outros por Filipe Holbein (parente do pintor Hans Holbein), Jorge Alberto, Valentim Teobim, Damião Pinheiro e Simão Pires.

## PINTURA



### «Cristo diante de Pilatos»

Mais uma vez Tintoretto! Mas como é espantosa a facilidade com que produz o italiano...

E eis o cumprimento de nossa promessa do número anterior. Tintoretto, mal terminou seu «Cristo diante de Pilatos», recordou-se da prioridade que nos prometera quando iniciou o quadro, há dois anos (1565). E os leitores que se deliciem com a perfeição deste novo trabalho: harmonia de linhas e de movimentos. Ocupará sem dúvida alguma um lugar importante na já extensa galeria de Jacó Robusti.

## LEI PARA ÍNDIOS VALORIZA NEGROS

Salvador, 30, julho, 1566  
(Urgente)

A partir de hoje, por ordens do governador do Brasil, sr. Men de Sá, diante de recomendações expressas do reino, não é mais permitido:

- 1) saírem os índios das missões jesuíticas do Brasil sem mandato especial das autoridades ou sem que os que se julgam seus possuidores provem a legitimidade da posse;
- 2) deixar o ouvidor de correr as missões e aldeias, para administrar justiça;
- 3) deixarem os índios de ter curador;
- 4) casar as índias com os escravos;
- 5) resgatar índios sem licença das autoridades;
- 6) manterem os jesuítas índios que se confessem escravos e queiram ser livres, e
- 7) tomarem os colonos índios próprios acoitados nas missões. Nesse caso, a pena para os infratores é a perda de todos os direitos sobre o selvagem, passando este a agregado da Companhia de Jesus.

### PARA ACABAR ABUSOS

Após a assinatura de tal ato, que foi ratificado pelos jesuítas Gregório Serrão e Antônio Pires, procuramos ouvir a palavra do governador.

Men de Sá limitou-se a ler-nos tópicos de uma carta que lhe enviara o rei, a fim de justificar-se. Nela diz o rei que se sabe, em Portugal, de quantos cativos injustos são feitos no Brasil e de como até os pais vendem os filhos, e termina pedindo enérgicas providências contra tais abusos.

O governador mostrou-nos a primeira nomeação feita em virtude dos novos dispositivos: o espanhol Diogo Zorrilla, radicado em Salvador há 10 anos.

Antecipou-nos ainda Men de Sá que a corte nomeou outro ouvidor para o Brasil, em substituição a Brás Fragoso: Fernão da Silva.

### COLONOS DESCONTENTES

Para os proprietários de escravos índios, a nova lei teve péssima repercussão. Todos são unânimes em afirmar que, na realidade, os mais beneficiados com ela serão os jesuítas, dados os privilégios que agora alcançaram.

«Será, disse-nos um plantador de açúcar de Salvador, muito difícil a nós particulares provar a legitimidade da posse dos escravos. Acredito que, com a nova lei, os que tiverem tirocinio, darão preferência ao escravo africano, cuja cor valerá como garantia de nossos direitos.»

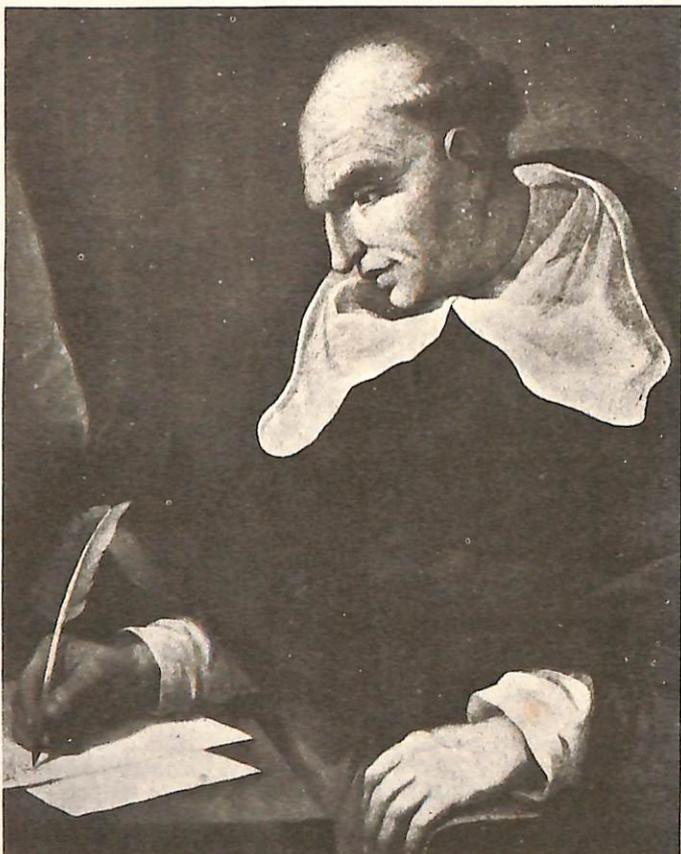
## MORREU DEFENSOR DOS ÍNDIOS

Espanha, 1566

Com 92 anos, 55 dos quais dedicados à defesa dos selvagens, morreu o «Apóstolo dos Índios». Trata-se de frei Bartolomeu de las Casas, autor de uma «História das Índias», verdadeiro libelo contra os escravagistas europeus.

Las Casas nasceu em Sevilha em 1474. Aos 28 anos partiu para a América, como simples colono. Em 1511 ordenou-se. Com suas palavras e através de sua pena sempre cáustica, obteve, em 1542, que o governo de seu país baixasse medidas mais humanas em defesa dos índios. É verdade que a pressão dos interessados pôs a perder tal concessão, mas las Casas continuou em sua campanha antiescravagista, apesar de tudo.

Próximo do convento de Atocha, onde ele morreu, os índios americanos choraram ao saber de sua morte.



# Rio e o ouro dos poetas

Para Ronsard, poeta e francês, o século, visto de Paris, onde ele faz seus versos, é de ouro. A poesia, afinal, é um modo de fuga e lá onde ele e outros poetas se refugiam é natural que tudo seja dourado. Para nós, jornalistas, que temos de presenciar os fatos e devemos relatá-los com isenção, o século é de sangue, fome e lágrimas.

Sangue na Europa, onde católicos e protestantes lutam em nome de Deus. Sangue e lágrimas na Ásia, onde a cobiça e a vingança aumentam ou esfacelam impérios diariamente. Sangue nas Américas, ao lado de cada pedra com que se edificam novas cidades. Sangue na ilha da Madeira, nos Países Baixos, em todos os cantos do mundo. Sangue, fome e lágrimas, sob o ouro da poesia.

Quando se escrever a história do século XVI, o espaço destinado ao ouro dos poetas não ofuscará, no observador cauteloso, a visão dos gestos injustos, pois toda a poesia do século não terá bastado para ressuscitar os que morreram de fome ou estancar a lágrima dos afrontados.

O ouro e a prata das Américas, realmente, deram cunho metálico ao século mas não o douraram ainda.

Nesta ordem de idéias, onde a esperança? Não queremos profetizar (Nostradamus acaba de morrer) mas nos permitimos, ante a seqüência implacável dos fatos, expor um conceito lógico. A velha sociedade européia e asiática está morrendo. Que homens, no futuro, farão a História, sem fome, sem lágrimas e sem injustiças? Os novos povos, caldeando-se em novas raças ante os conquistadores, têm tudo para responder a nossa indagação. A esperança está no Brasil moço, nos países americanos ainda verdes.

Por isso, a notícia de que no Brasil (Rio de Janeiro) foram os indígenas, embora em luta fratricida, os que mais se destacaram na determinação de certos resultados bélicos, nos enche de júbilo. Não júbilo guerreiro, que somos pacifistas. Mas júbilo de verificarmos que o futuro do mundo começa a pertencer aos povos moços, ainda incorruptos. Portanto, Rio de Janeiro, salvo por selvagens, é um sinal de nova idade. Deus o abençoe e inspire os poetas, como Ronsard — que em tudo vê ouro, a encontrar o ouro verdadeiro em todas as coisas.

Depois de terem aderido às plumas, os elegantes europeus começam a tirar proveito de adereços quase que exclusivamente femininos.

## A MODA COMO ELA É

nos. Veja o leitor, o resultado de uma mistura de pérolas, plumas, veludo e gargantilha. Uma touca de veludo (côr viva) e uma fita voltada de pérolas e plumas cobrem, hoje, a cabeça de quem é elegante na Europa. Sob o queixo, uma impecável gargantilha.



PÉROLAS  
PARA  
OS  
HOMENS

## DECORAÇÃO



O côco, fruto originário da Ásia — de grande sabor, dizem os que o conhecem — está passando da cozinha, agora, e ganhando as prateleiras decorativas das grandes mansões. É-lo, sobre um pedestal de cobre, gravado e dourado. A tampa, em estilo moderno, trabalhada no mesmo material, tem, no alto, uma pequenina e artística estatueta de homem. Altura total: 25 cm.



MICHEL DE NOSTRADAMUS

Por sua sobriedade, seriedade e sapiência, foi tido em alta conta por toda a França. Catarina de Médicis, que sempre gostou de rodear-se de videntes, tinha por ele especial predileção. A gravura nos mostra o momento em que a rainha, há alguns anos atrás, procurou-o em seu «Salon-de-Provence», para saber do futuro de seus filhos. Catarina vem chegando à presença de Nostradamus, pela mão de um de seus conselheiros. Seus filhos já o rodeiam curiosos e, entre eles, pode-se ver Carlos IX, atual rei, e que viria a tornar-se também grande admirador do sábio, dando-lhe inclusive o título de «Conselheiro e Médico de Sua Majestade».

# A morte chegou como o morto previu

Paris, 1º de julho, 1566

«De volta da embaixada, presente do rei, já em seu lugar Nada mais fará, será enviado a Deus, Parentes próximos, amigos, irmãos de sangue, Encontram-no morto ao lado da cama e da cadeira.»

Referindo-se a si próprio, Michel de Nostradamus escreveu estes versos, em uma de suas «Centúrias», publicada há mais de dez anos. Hoje, pela manhã, depois de alguns dias preso por uma hidropisia em seu quarto de trabalho, onde vem vivendo, ultimamente, «entre a cama e a cadeira», foi encontrado morto, na mesa em que escrevia.

Há algum tempo atrás, antes de cair doente, Nostradamus teve uma entrevista com Carlos IX, recebendo do rei o título de «Conselheiro e Médico de Sua Majestade».

Nostradamus desaparece aos 62 anos de idade, com a glória de ser considerado, unanimemente, o maior de todos os videntes e astrólogos. Nasceu em Saint-Rémy-de-Provence, em 14 de dezembro de 1503. Nostradamus não era só vidente. Deixou, entre outros trabalhos, um tratado sobre a arte de fazer confeitos, mel e vinho. Versado também, como seu pai, Jacques de Nostre-Dame (médico da corte do rei René, da Provença), na ciência das ervas e dos minerais, Michel foi, sobretudo, um dos maiores médicos destes tempos, tendo publicado duas obras sobre medicina: «Singulares receitas para a saúde do corpo humano», e mais tarde, «O remédio mais útil contra a peste».

Quando estudava medicina em Montpellier (onde se formou aos 26 anos, tornando-se professor aos 27, mas logo em seguida abandonando a cátedra), interrompeu seu curso para ajudar a combater uma epidemia de peste aparecida simultaneamente em várias províncias. Aparentemente imunizado contra o mal, ia de cidade em cidade realizando curas maravilhosas. Muito tempo depois, em 1546, em Aix, ainda por curas julgadas milagrosas, os cidadãos ofereceram-lhe uma pensão que ele distribuiu entre órfãos e viúvas. Logo após, tendo tido ainda uma

jornada muito benéfica em Lyon, estabeleceu-se no seu famoso «Salon-de-Provence», segundo alguns, desgostoso com a inveja de certos colegas. Lá, foi procurado por Catarina de Médicis. A pequena cidade tornou-se célebre, principalmente depois de publicadas as suas «Centúrias» em 1555. Essas predições causaram enorme movimentação entre pessoas de todas as classes, que viajavam para o «Salon», a fim de ouvir os oráculos e conselhos do vidente.

### AS PREVISÕES

As principais dessas previsões já se tornaram famosas por sua absoluta precisão de datas, locais e desenrolar dos acontecimentos. Sobre a de maior repercussão, sem dúvida a que tratava da morte de Henrique II, O BRASIL EM JORNAL deu amplo noticiário em seu número 19.

Também sobre o destino de três filhos desse rei e Catarina de Médicis, o vidente fez uma previsão que vem mantendo toda a França apreensiva: os três subiriam a «um» trono. Foi por ocasião da visita que Catarina lhe fez no «Salon», quando seus filhos ainda eram muito crianças. Os acontecimentos vêm se desenrolando absolutamente dentro das previsões: primeiro foi Francisco II, que subiu ao trono com a morte do pai. Quando Francisco morreu toda a França começou a dar crédito à sua profecia. Com a ascensão do atual Carlos IX, a pró-

pria Catarina começou a ficar preocupada com a sorte do filho, interpretando aquele «um», como referente ao trono de França e não a «um» trono qualquer.

«O terceiro reinará sobre a França?», é a pergunta que ela mesma se faz, temerosa de assistir à morte de mais um filho.

### INSTRUMENTO DE DEUS

Michel casou-se aos 28 anos quando em Agen, onde trabalhava em medicina com seu amigo Scaliger. Mas enviuvou pouco mais de três anos depois, em 1534, abandonando então aquela cidade.

Deixa seu nome a dois filhos, embora não tenha tido nenhum daquele primeiro casamento: César, nascido na época do «Salon», em 1555, e outro, mais velho, Michel de Nostradamus, filho.

Nostradamus acreditava, como a maioria dos magos, ter vindo à terra para ajudar seus semelhantes e, sobre suas previsões, dizia ser sua boca apenas um instrumento de Deus:

«Deus se serve de minha [boca, na terra, Para te anunciar a verdade Se minha previsão te toca Dá graças à Sua divindade.»

O BRASIL EM JORNAL  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807  
SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA - Rio

• Direção  
AMARAL NETTO  
Assessoria  
GUSTAVO BARROSO  
JAYME COELHO  
• Redação  
CLAUDIO SOARES  
RUBEM DE AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA  
MARCOS DE CASTRO  
• Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO  
• Ilustração  
ADAIL  
• Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

• Assessor da Diretoria  
LUIZ PIETSCH JUNIOR  
• São Paulo  
AGÊNCIA POLANO  
Rua João Bricola, 32

• ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 300,00  
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 350,00

# Flechada no rosto matou Estácio de Sá

Rio de Janeiro, 20, fevereiro, 1567

Em sua casa modesta, quase no mesmo lugar em que desembarcou há dois anos aproximadamente, morreu hoje o jovem capitão Estácio de Sá, fundador desta cidade.

Estácio vinha sendo assistido com todo o desvelo pelos cirurgiões da força expedicionária luso-brasileira mas não pôde resistir aos padecimentos.

Médicos que cuidavam do bravo soldado informaram-nos

que o ferimento que o vitimou, normalmente não teria consequências funestas.

«O que houve, infelizmente, explicou-nos um deles, foi que a ferida se infeccionou. Tomamos todos os cuidados que o caso requeria. A ferida foi cauterizada e tratada com azeite quente, como é a praxe. Nada adiantou porém.»

Outro médico disse-nos, quanto à possibilidade de a seta que ferira o capitão estar envenenada:

«Não acredito. Conheço bem

os costumes tamoios e eles não usam venenos em suas flechas.»

Nos seus últimos instantes, Estácio, que estava inconsciente e febril, foi assistido por seu tio Men de Sá, seu primo Salvador, o padre Ancheta, grande amigo seu e outras personalidades.

## SEPULTADO ESTACIO

Rio de Janeiro, 20, fevereiro, 1567 (Do enviado especial)

Na capelinha de palha à sombra do Pão de Açúcar, que ele mesmo defendeu com tanta bravura, foi sepultado hoje o fundador da cidade, o capitão Estácio de Sá, morto em consequência dos ferimentos que recebeu em Biraçumirim, há um mês.



## VAI, ESTACIO...

E desta vez, para a eternidade. Foi assim que o grande capitão deixou a terra libertada. No flagrante, exclusivo de O BRASIL EM JORNAL, o momento em que Estácio de Sá exalava o último suspiro.

Este correspondente acompanhou a pé o enterro do jovem capitão. Seu tio Men de Sá era dos mais tristes quando o corpo de Estácio foi colocado em sua cova, diante da entrada da Guanabara, onde ele desembarcara cheio de entusiasmo, há dois anos.

Foi uma solenidade simples, sem discursos. Em torno da sepultura, soldados e marujos, calejados de guerras nos quatro cantos do mundo, mantive-

ram-se em respeitoso silêncio na última homenagem ao bravo capitão.

A brisa morna da Guanabara secou rapidamente as lágrimas dos que, como nós, não resistiram à emoção de assistir ao fim prematuro de uma carreira que mal se iniciava. Men de Sá, após a solenidade, pediu que, mais tarde, quando a cidade crescesse e tivesse outros templos, dessem ao sobrinho sepultura em melhor local.

## PIRATA HAWKINS FEITO ALMIRANTE

Londres, 1567 (Do correspondente)

Com dois grandes navios reais, quatro particulares e o título de almirante de Sua Majestade, o navegador inglês John Hawkins partiu para sua segunda viagem a serviço da rainha Elizabeth, com a pretensão — segundo ele — de conquistar o direito de livre comércio sobre o mar, apesar da proibição espanhola.

Outro objetivo, no entanto — se não o único — está levando também Hawkins a esta

empresa: ele quer traficar na Índia escravos negros recolhidos na África ou tomados dos traficantes portugueses, trazendo de volta toda espécie de mercadorias.

No ano passado, Hawkins realizou uma expedição com a ajuda não só da rainha, como de outros nobres. O conselheiro real Cecil, no entanto, condenou o plano como contrário ao direito das gentes. Nessa viagem, Hawkins comerciou com as Antilhas, pilhou Havana, tocou a Terra Firme e conseguiu 60% dos benefícios.

## PROTESTANTES MATAM CONDESTÁVEL

Paris, 27, setembro, 1567 (Da sucursal)

Uma tropa com cerca de 600 cavaleiros armados e comandados por Condé, Coligny, Andelot e La Rochefoucauld, foi vista hoje em movimento nos arredores da cidade. O alarme foi dado por Castelnaud e a Corte, em pânico, refugiou-se em Meaux. As pressas, foi feito apelo às tropas suíças, que têm guarnição em Chateau-Thierry. Catarina tentou, em vão, parlamentar com Condé.

## CATARINA EM CÓLERA

Paris, novembro, 1567 — Desde que recebeu a notícia de que se preparava uma rebelião, Catarina de Médicis passou a viver em cólera. Ela não fala em outra coisa a não ser trucidar, sem poupar um só, «os que se movimentam para vir ajudar os da nova rebelião». Furiosa, ela ordenou ao rei: «Quanto mais mortos, menos inimigos», pois ela atribui aos protestantes «a maior maldade do mundo».

## PARIS CERCADA

Paris, novembro, 1567 — O que Catarina julgou ser uma rebelião, fácil de ser debelada, é na verdade uma revolução que poderá ter incalculáveis consequências. Paris já está cercada pelos «reformados», que já pilharam as cidades vizinhas e estão apreendendo todos os comboios.

O pão que vem de Gonesse para abastecer a cidade não chega mais; os vivandeiros só se aventuram a chegar até Saint-Cloud. Os mercados estão vazios e a escassez já se faz sentir.

O Condestável de Montmorency, em vista da situação, está organizando a resistência dos católicos.

## VITÓRIA PROTESTANTE

Paris, 10, dezembro, 1567 — Finalmente, travou-se hoje a tão esperada batalha entre católicos e protestantes. O choque foi violento e a vitória pendeu para o lado protestante. Coligny pôs em fuga um regimento de voluntários parisienses, enquanto Condé partiu direto contra Montmorency, que se viu, de repente, abandonado pelos seus.

Um dos companheiros de Condé mandou que ele se rendesse, mas o condestável respondeu com um golpe do punho da espada que arrancou três dentes do adversário. Nesse instante, recebeu um tiro nos rins e caiu gravemente ferido.

Com esta notícia, a armada real debandou e os huguenotes aproveitaram para romper o contato que a inferioridade de forças tornava impossível.

## MORTO MONTMORENCY

Paris, 12, dezembro, 1567 — O homem que, apesar de general sem brilho e político inábil, entrou na história de quatro reinados da França, morreu hoje, dois dias depois de ter sido ferido na batalha de Saint-Denis. Era ele o condestável Anne de Montmorency, o nobre por dinheiro que exerceu enorme influência nas guerras e na política francesa, durante as monarquias de Luís XII, Francisco I, Henrique II e Carlos IX.

Dois atuações situam plenamente a personalidade de Montmorency na História francesa deste século: sua tendência pacifista para os negócios do exterior e a luta contra a reforma protestante no interior da França.

Em 1531, ano da morte de seu pai Guilherme, foi quando Anne de Montmorency tornou-se o homem mais poderoso da França, mas seu nome começou a adquirir certa projeção durante os primeiros anos do reinado de Francisco I, de cuja mãe, Luísa de Sabóia, seu pai Guilherme era cavaleiro de honra.

Sua carreira militar começou aos 19 anos nas guerras da Itália, depois de uma educação incompleta. Distinguiu-

se na batalha de Ravena (1512) e em seguida na de Marignan (1515). Com Bayard teve atuação destacada na defesa de Mezières (1521). Depois da jornada de Bicoca (1522), foi nomeado marechal da França. Feito prisioneiro na batalha de Pavia (1525), recobrou logo a liberdade e interveio nas negociações do tratado de Madri (1526), que levou a cabo sem preocupar-se com as humilhantes cláusulas. Francisco I o distinguiu, quando de sua volta à França, com o cargo de lugar-tenente-general do Languedoc e de Grão Mestre da casa real, com participação em numerosos assuntos de Estado.

Montmorency induziu Francisco I à Liga de Cognac, foi o responsável pela fuga de Andrea Dória e do fracasso da intervenção armada em Nápoles. Apesar destes reveses e da paz pouco favorável de Cambrai (1529), Montmorency continuou gozando do favor de Francisco I.

Em 1536, derrotou os espanhóis em Narbona e reconquistou o Piemonte (1537), feito que lhe valeu a espada de condestável da França em 1538. Apesar destes êxitos bélicos, manteve desde então a política de colaboração com Carlos V. O fracasso das negociações de 1541 com o imperador, a propósito do ducado de Milão, acarretaram sua desgraça definitiva ante Francisco I.

Recolhido a suas possessões de Chantilly, o condestável passou a trabalhar para conquistar a preferência de Henrique II, e quando este subiu ao trono, Montmorency foi reintegrado no poder. Reprimiu brutalmente a revolta de Bordéus em 1548. Três anos depois, Henrique lhe concedia a dignidade de par de França e o título de duque. Ocupou Metz em 1552, mas uma série de derrotas, que culminaram com o fracasso de Saint-Quentin, demonstram sua real imperícia como supremo general dos exércitos franceses. A morte de Henrique II completou o rápido declínio de seu prestígio.

## CAMÕES EM MOÇAMBIQUE

Lisboa 1567

O poeta-soldado Luís de Camões, cuja vida, cheia de peripécias interessantes, vimos acompanhado, está em vias de regressar para Lisboa. Abandonou a Índia há algum tempo, com destino a esta capital, mas, pelas últimas notícias que recebemos, deteve-se em Moçambique, por falta de recursos para prosseguir na jornada. Lá encontrou-o o ilustre cronista Diogo do Couto, de cujas publicações também temos informado nossos leitores, e que nos disse ter encontrado Luís de Camões, na cidade de Sofala, naquela região da África.

Ele afirma que Camões estava tão pobre «que comia de amigos».

## "MENDIGOS" AGITAM OS PAÍSES-BAIXOS

Bruxelas 5, abril, 1566 (Do correspondente)

Vestidos de mendigos, carregando sacolas e pratos, os nobres protestantes que estavam reunidos na casa do conde de Calemburg, para firmar o «Compromisso de Breda», marcharam sobre o palácio de Margarida, exigindo a supressão da Inquisição e a suavização das leis contra a heresia.

Quando a regente, atemorizada, perguntou ao conselheiro Berlaymont quem era aquela gente, ele respondeu: «Senhora, são apenas uns pobres mendigos». Na mesma noite, «aquela gente», reunida em banquete, adotou o «slogan», bradando «vivam os mendigos» («Viven les gueux!»). Os «gueux» resolveram também usar roupa simples de cor cinzenta, carregando um alforje e uma medalha com a efigie do monarca com este lema no verso: «Em tudo fiéis ao rei»; e no reverso: «até levar a alforja». Os revoltosos querem também a convocação dos Estados-Generais.

## O DUQUE CHEGOU

Bruxelas, 22, agosto, 1567

Investidos de plenos poderes e com um poderoso exército, chegou hoje o duque de Alba, enviado por Filipe II para debelar a crise nos Países-Baixos e substituir a regente Margarida de Parma. Apuramos que a primeira medida do duque será a criação de um tribunal que se chamará «Conselho dos Tumultos» ou «Tribunal do Sangue».

## MARIA DEMITIU-SE

A redação de O BRASIL EM JORNAL recebeu um despacho do seu correspondente nos Países-Baixos informando que a regente Margarida de Parma, considerando-se desautorada com a chegada do duque de Alba, apresentou sua demissão. O nosso correspondente assegura, também, que Margarida partirá em dezembro para a Itália.

## DIANA MORREU SEDUTORA E SÓ

Castelo de Anet, 22, abril, 1566

A mulher mais invejada de França, desde 1547 até 1559, reinado de Henrique II, acaba de morrer em seu castelo, longe das rodas sociais de que tanto gostava e seu corpo repousa no catafalco com os mesmos traços de beleza que fizeram sua fortuna.

Trata-se de Diana de Poitiers, duquesa de Valentinois, a toda poderosa favorita de Henrique II e mais velha que ele exatamente 20 anos.

Diana nasceu em 1499. Sua ligação com Henrique II começou quando o então herdeiro do trono de França era uma rapazola. O mundo deu voltas, Henrique casou-se com Catarina de Médicis e o romance entre o príncipe e depois monarca escandalizou a corte francesa.

Por causa de Diana, o rei ordenou que todas as suas roupas fossem bordadas com as iniciais H e D, enquanto o «crescente», símbolo de Diana, passava a ser emblema da realeza de França. A par de tais fatos, a rainha Catarina era apenas tratada como a «Banqueirinha», alusão pouco lisonjeira à riqueza de seu pai Lourenço de Médicis.

Ao morrer Henrique II, Diana retirou-se para seu castelo de Anet, construído sob encomenda por De L'Orme. Ali esperou a hora da vingança de Catarina, feita regente.

Hoje Diana está morta. E sua beleza é a mesma de quando ela brilhava nos salões e fazia notícias, com seu sorriso sempre falso (como diziam seus inimigos) e sua indisfarçável cupidez.

Um boato que teve origem na própria Corte escocesa vem abalando a Escócia e provocando os mais descontraídos comentários: o herdeiro do trono, anunciado oficialmente como tendo nascido de Maria Stuart, no dia 19 de junho de 1566, não seria filho da rainha. O filho mesmo teria nascido morto ou morrido logo depois do parto e em seu lugar teria sido colocado o bebê da condessa de Mar, mulher do lord Erskine.



De Paris chegamos a notícia deste ano de 1567, de que o ex-chanceler de França, Michel de l'Hospital, perdeu todo seu prestígio junto à rainha Catarina de Médicis. Michel, católico sincero, queria mais tolerância em vez de fanatismo religioso. A rainha não gostou e o destituiu. O ex-chanceler retirou-se de Paris. Foi para suas propriedades de Vignay.

Uma das figuras mais interessantes da vida social no Recife presentemente é o fidalgo florentino Filipe Cavalcanti. Filipe diz a todos que é descendente de Guido, o grande amigo do poeta italiano Dante.

Ordenado sacerdote neste ano (1567), o carmelita Juan de la Cruz (Juan de Ypes y Alvarez), celebrou missa pela primeira vez em presença de sua piedosa mãe, numa cerimônia tocante.

Órfão de pai desde muito pequeno, sua educação esteve inteiramente a cargo da pobre senhora, que não escondia, durante a missa, toda a sua emoção.

De origem humilde (seu pai era um simples tecedor), frei Juan de la Cruz é hoje motivo de orgulho para sua pequenina aldeia de Fontiveros (Ávila), pois estudou em Salamanca e segue os passos de Teresa de Jesus em suas idéias de reforma da ordem dos carmelitas.

nou a torre que formava o reduto de defesa e quando os turcos aí penetraram, as minas explodiram e sob os escombros da fortaleza morreram três mil sitiados.

Solimão, o homem que levou o império turco aos máximos limites de esplendor, morreu como sempre desejou: combatendo à frente de suas tropas, apesar dos seus 72 anos.

Ao morrer, Solimão lutava com a mesma disposição com que conquistou sua primeira vitória no famoso cerco de Rodes, com 28 anos de idade e dois de governo. Daí por diante foi uma seqüência de vitórias e conquistas: Mohacz, Temesvar, Bagdá, Diu, Trípoli etc. O fracasso do ano passado, no cerco de Malta, não impe-

dirá que seu nome fique como marco de glória na história da Turquia.

## SELIM II, O SULTÃO

O novo sultão será Selim II, filho de Khurrem, segunda mulher de o «Magnífico», e à qual os ocidentais chamavam de Roxelana. Esta mulher conseguiu, com seus encantos e astúcias, tornar-se a grande favorita de Solimão, que com ela teve vida quase monogâmica. E graças a ela também, que Selim assume o trono, pois Roxelana induziu o marido a mandar matar os quatro filhos da outra mulher, inclusive o herdeiro Mustafá, estrangulado em 1553.

# S. Sebastião do Rio de Janeiro está de mudança

Rio de Janeiro, fevereiro, 1567

Ainda bastante acabrunhado com a morte do sobrinho, o governador decidiu, agora, levar a sede da cidade do Rio de Janeiro para local mais propício.

Men de Sá ouviu os pareceres do bispo D. Pedro Leitão, dos capitães e demais personalidades e resolveu transferir o assento da cidade para um morro meia légua ao norte do arraial, onde há um porto abrigado e um outeiro apropriado à sua defesa.

## OBRAS DE MUDANÇA

Rio de Janeiro, 1º março, 1567

Machados e enxadas derrubaram hoje a primeira árvore no alto do morro do Descanso, para onde Men de Sá resolveu transferir a cidade.

A região escolhida é um matagal no alto do morro e o governador pretende, em breve, inaugurar ali outra cidade em contraposição à que existe na base do morro Cara-de-Cão. A primeira tarefa dos construtores é o levantamento de uma muralha de 20 palmos de largura e outro tanto de altura em volta do recinto da cidade.

Nos planos de obras figuram: uma igreja de três naves, para os jesuítas; armazéns sobradados para repartições fazendárias; casa para a Câmara cidadina e residências para os povoadores, terreno abaixo.

Enquanto os desbravadores abrem clareiras na mata, os padres jesuítas, o bispo Leitão, o visitador Inácio de Azevedo e o provincial Luis da Grã preparam-se para seguir rumo ao sul do país. Passarão em São Vicente, onde se avistarão com o padre Nóbrega.

## ALCAIDE RENOMEADO

Rio de Janeiro, 15, agosto, 1567

Preparando-se para a instalação na nova cidade, cujas obras estão bastante adiantadas, o governador renomeou, hoje, para alcaide do Rio, o sr. Francisco Dias Pinto.

Pinto já exercia a função para a qual agora é investido, por indicação do próprio governador. Em seu ato de hoje, Men de Sá concede a Pinto a Prefeitura do Rio a título vitalício e com o ordenado anual de 20 mil réis.

## TERRAS PARA GADO

Rio de Janeiro, 16, agosto, 1567

Despachando, hoje, uma petição dos cidadãos cariocas, o governador Men de Sá concedeu-lhes para rossio da cidade seis léguas de quadra. O governador mandou consultar a concessão já feita por seu sobrinho Estácio e ampliou-a consideravelmente. Os mora-

dores haviam pedido 3 léguas para o sertão e Men de Sá deu-lhes duas. Estácio concedera-lhes apenas légua e meia.

Ainda em julho chegaram ao Rio, de volta de São Vicente, o bispo D. Pedro Leitão, Anchieta, Grã, Azevedo e o padre Nóbrega, a fim de assentar com o governador a mudança do colégio de jesuítas daquela cidade para cá.

Padre Anchieta contou-nos que, ao saírem da Bertioga, uma baleia quase virou a embarcação em que viajavam. Todos se puseram a rezar e a baleia como que se acalmou e os deixou em paz.

Sobre a mudança do colégio informamos-nos ainda que o governador já concedeu aos jesuítas um ótimo terreno no centro da nova cidade para sua edificação. Concluindo, declarou-nos que o bispo D. Pedro Leitão já nomeou vigário da paróquia do Rio o padre Mateus Nunes.

Rio de Janeiro, 11, novembro, 1567

Desde setembro último, por ordens do governador ou a pedido dos próprios interessados, as autoridades estão revendo e ratificando as doações já feitas pelo falecido capitão Estácio.

Por outro lado, sabe-se que devem chegar, breve, de Portugal, ordens do cardeal D. Henrique, mandando ratificar as doações de Estácio. Os jesuítas estão à espera de tal ato para promover o registro dos bens que receberam no Brasil.

Nesse intervalo, o governador Men de Sá procurou estimular a construção dos edifícios necessários ao funcionamento do governo no Rio e, assegura-se, quando embarcar para a Bahia (só para o próximo ano), deixará na chefia do governo do Rio seu sobrinho Salvador de Sá.

## COLUNA MILITAR

HOJE, O LEITOR ENCONTRA EM NOSSA COLUNA HABITUAL NÃO UMA ARMA, MAS DUAS. AMBAS TÊM, TAMBÉM, NÃO UMA, MAS DUAS FINALIDADES. TRATA-SE DE ADAGAS. A PRIMEIRA CURVA É DO TIPO USADO PELOS SOLDADOS TURCOS EM COMBATES CORPO A CORPO E CONSTITUI VERDADEIRO FLAGELO PARA OS CRISTÃOS. A OUTRA É DE TIPO VENEZIANO E TÔDA ELA SERRILHADA. A TURCA SE USA APENAS EM GUERRAS. A VENEZIANA, CONTUDO, TEM TIDO OUTRAS APLICAÇÕES. NÃO SÓ SOLDADOS A USAM, MAS TAMBÉM ALGUNS HERDEIROS DE GROSSAS FORTUNAS, ALGUMAS PESSOAS ULTRAJADAS E... BEM, NOSSA COLUNA É EXCLUSIVAMENTE MILITAR.

## Solimão não viu sua última vitória

Sziget, (Hungria), 9, setembro, 1566

Para não enfraquecer o ardor das tropas turcas, que acabam de tomar esta praça, só hoje foi revelado que Solimão, o Magnífico, morreu há três dias, vitimado, segundo uns, por uma disenteria, e, segundo outros, pela expectativa angustiada de ver se prolongar por muito tempo a resistência do inimigo.

O segredo em que foi mantida a morte do soberano turco tem também outro motivo: dar tempo a que Selim, o único filho vivo, dos cinco e sucessor natural de Solimão, pudesse chegar a Constantinopla. Quando o cortejo fúnebre

chegou à capital turca, o corpo do sultão encontrou o novo soberano sobre as margens do Danúbio.

O episódio principal da guerra entre turcos e húngaros, que começou no ano passado, foi o cerco a Sziget, defendida pelo valente magnata croata Nicolas Zrinski.

Como os subúrbios tivessem sido destruídos, Zrinski refugiou-se no castelo desta cidade, onde permaneceu durante quatro meses, apesar das ameaças dos turcos, de matar seu filho, que eles tinham prisioneiro. Quando a cidadela tornou-se insustentável, o governador, vestido em roupa de gala, pôs-se à frente dos poucos defensores que estavam ainda de pé e se precipitou contra os turcos, tendo morte gloriosa.

Antes, no entanto, ele havia preparado sua vingança: mi-



ROXELANA

# Abdicou Maria Stuart: menino de 1 ano é o novo rei

Edimburgo, (Escócia) 9, março, 1566

Com 60 punhaladas, dadas por ordem e na presença do rei Darnley e a alguns passos da rainha aterrorizada, morreu hoje David Rizzio, o poeta mediocre, mas músico exímio, que conseguiu ser promovido por Maria Stuart a seu mentor e quase ministro.

A cena se passou na sala de refeições do palácio, quando a rainha jantava em companhia de sua meio-irmã, condessa de Argyll, seu meio-irmão, o prior de Holyrood, e Rizzio. De repente, o rei entrou sem ser esperado e beijou a rainha. Em seguida entraram o conde de Ruthven, armado dos pés à cabeça, o conde de Morton, Fandoside, Jorge Douglas e outros cúmplices igualmente armados.

Ruthven, que os assassinos tiraram da cama, ardendo em febre, disse a Rizzio que queria falar-lhe; este, pressentindo que lhe queriam tirar a vida, lançou-se aos pés da rainha, implorando a sua interferência. Maria, entre a cólera e o medo, mandava e pedia ao mesmo tempo. Darnley gozava desta humilhação e, seguro de ser o árbitro entre a vítima e seus carrascos, mantinha-se impassível. A mesa foi revirada, as cadeiras jogadas ao chão, e na desordem que se seguiu os assassinos se apoderaram de Rizzio, que, esperneando, se agarrava à saia da rainha. 60 punhaladas acabaram com ele. Depois de morto, Rizzio foi lançado da janela do aposento contíguo, para um pátio interno.

## ASSASSINADO O REI ?

Edimburgo, 10, fevereiro, 1567 (Urgente)

Darnley, rei da Escócia, foi encontrado morto na casa de Kirk O'Field, onde se restabelecia de variola, depois de uma violenta explosão que sacudiu todo o quarteirão às duas da madrugada.

A população agitada considera a explosão criminosa e aponta dois responsáveis: a rainha Maria Stuart e seu favorito Botwell. Ambos apresentam álibis que não são aceitos pela maioria.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL conseguiu localizar importantes cartas dirigidas por Maria Stuart ao seu favorito quando se encontrava em Glasgow com seu marido. No próximo número publicaremos os trechos essenciais que destroem os álibis dos dois.

## SEM PROVIDÊNCIAS

Edimburgo, fevereiro, 1567 — Nenhuma providência foi tomada pela rainha para descobrir os assassinos de seu marido ou evitar-lhes a fuga. Fontes diplomáticas disseram a este jornal que «nunca na Europa uma corte, uma nobreza e uma capital receberam com tanta calma a notícia do assassinio de um rei.»

Nenhum processo, nenhuma investigação no local, nenhuma perícia no cadáver. Nada. Absolutamente nada foi feito. Foi sem as honras que lhe eram devidas que o corpo de Darnley foi atirado durante a noite a uma fossa como se se tratasse de um criminoso.

## ORDENADAS «INVESTIGAÇÕES»

Edimburgo, março, 1567 — Botwell que parece dominar definitivamente a rainha, para dar satisfações aos diplomatas estrangeiros e principalmente aos observadores de Elizabeth da Inglaterra, ordenou «investigações» tardias sobre a morte de Darnley. Ofereceu 2 mil libras para quem descobrir os assassinos. Esta manhã a cidade amanhe-

ceu cheia de cartazes que apontam o próprio Botwell e seu companheiro Balfour como os culpados. Dizem os cartazes sensacionais que contém a figura do favorito: «Eis o assassino do rei.»

## UMA VOZ SE ERGUE

Edimburgo, 12, abril, 1567

«Não há nenhuma acusação», foi a conclusão a que chegaram juizes subornados depois que o pai do rei assassinado, Lenoux, se furtou a comparecer ao tribunal fantoche para confirmar acusação que lançara publicamente contra Botwell.

Depois do «julgamento» o favorito saiu à rua armado até os dentes e, brandindo sua espada, ameaçou os que porventura, venham a acusá-lo.

## «RAPTO» ENCENADO

Edimburgo, 21, abril, 1567

Quando retornava de Stirling de uma visita a seu filho, Maria Stuart foi «raptada» por seu favorito Botwell que a transportou para o seu castelo de Dumbar. Objetivo da farsa: só o casamento dos dois poderá «lavar a honra da rainha». Botwell é casado.

## CONSUMADO 3º CASAMENTO

Edimburgo, 15, maio, 1567

Em meio ao sepulcral silêncio da capela do palácio real, casaram-se às 4 da madrugada de hoje Maria Stuart e Botwell. Este conseguiu arrancar a autorização do Parlamento e o divórcio de sua jovem esposa.

O 3º e o mais dramático dos casamentos de Maria não contou com a presença de nenhum nobre importante, notando-se a total ausência do corpo diplomático. Instado a comparecer, o embaixador de França declarou: — «Não. Poder-se-ia crer que meu rei aprova este negócio.»

Nenhuma festa teve lugar. Nas ruas um silêncio pesado esconde a revolta do povo que pode explodir a qualquer momento.

## PRINCIPIO DO FIM

Carberry Hill, 15, junho, 1567

— Botwell e Maria foram separados hoje pela força das armas. Em meio à trágica lua de mel o novo rei soube que os lordes se haviam armado em guerra e se precipitavam sobre ele e suas tropas. Depois de uma parlamentação que teve a dirigi-la o embaixador francês Corc, nada se conseguiu e Maria Stuart deu ordem às suas tropas para que atacassem os lordes.

Os soldados não se moveram recusando-se a combater e o casal real teve de se submeter às imposições dos nobres. Botwell teve liberdade para partir sem ser molestado. Maria Stuart seguiu, praticamente prisioneira, o exército

dos nobres que pedia em altos brados que «queimassem a assassina do marido».

Não fôsse a energia e a coragem do comandante da cavalaria, Kircaldy, e a rainha teria sido massacrada pelos soldados rebelados.

Enquanto o cortejo atravessa vilas, povoados e cidades, o povo ocorre para ver a rainha presa. Ela, raivosa e altaneira, não cessa de ameaçar seus vencedores. A lord Lindsay que cavalga a seu lado disse: «Juro que terei vossa cabeça.»

## RAINHA PRESA

Edimburgo, 17, junho, 1567

— Recusando-se com desprezo a atender à imposição dos lordes de se separar oficialmente de seu terceiro marido, Botwell, Maria Stuart foi praticamente condenada à prisão no castelo de Lochleven, situado no meio de um lago. Para evitar o termo «cativeiro» os lordes explicam o «isolamento»



BOTWELL  
Paixão, crime, ambição

da rainha como destinado a «impedir a pessoa de Sua Majestade de manter qualquer contacto com o conde de Botwell e de se entender com as pessoas que querem salvá-lo do castigo do seu crime.»

Ao despontar do sol, hoje, Maria, a bordo de um pequeno barco, era transportada para seu «isolamento».

## ABDICOU A RAINHA !

Edimburgo, 23, junho, 1567

— Ameaçando Maria Stuart de dar publicidade às cartas a que nos referimos e que foram por ela dirigidas a Botwell, quando ainda vivo seu marido Darnley, lord Melville conseguiu, afinal, a abdicación da rainha que vinha sendo tentada noite e dia sem sucesso.

Só a possibilidade de ver seus mais íntimos e pecaminosos segredos revelados de público levaram a bela Stuart a abdicar.

## MORREU E QUIS SER LAVADO: FÊZ ESCÂNDALO

Salvador, 1567

Jorge Fernandes era batizado e tido como católico. Agora, Fernandes acaba de morrer e esta cidade se escandaliza com as exigências que ele deixou em seu testamento: «que lavem e sepultem seu cadáver segundo os ritos da sinagoga.»

Não se sabe se esta sua última vontade será atendida, mas muitos de seus ex-amigos estão embaraçados para explicar às autoridades porque não denunciaram que Fernandes era «cristão novo» (judeu).

Jorge Fernandes estava na Bahia desde a vinda do ex-governador Duarte da Costa.



A «REAL CHANTAGEM»

Lord Melville apresenta a pena à bela Maria: «Ou assina a abdicación ou serão revelados de público seus pecados». Só assim a temperamental rainha da Escócia cedeu à imposição dos nobres protestantes.

## NOVO REI

Stirling, 29, julho, 1567 (Urgente) — De hoje em diante a Escócia tem novo rei: Jaques VI, filho de Maria e Darnley que sobe ao trono com exatamente 1 ano, um mês e dez dias de nascido. A regência está inteiramente entregue aos nobres calvinistas.

O povo dança na porta deste castelo. A cerimônia da coroação contou com lord Atholl que levou a coroa, Morton, com o cetro; Glencairn, com a espada e, finalmente o conde de Mart, que levava o soberano ao coló.

A bênção foi dada pelo célebre John Knox que quis deixar bem claro que o novo rei está sob o domínio protestante.

## JORNAL ECONÔMICO

### COMÉRCIO

Neste começo de 1566, nada menos de 30 mil comerciantes passaram à Inglaterra e se estabeleceram em cidades como Sandwich, Canterbury, Colchester e Norwich.

São em geral de origem flamenga e comerciam com lã, linho e outras mercadorias.

### BANCO

Houve neste ano de 1566 mais uma tentativa para a criação de um Banco do Estado, em Paris. Recordar-se que em 1538 a mesma experiência foi tentada em Lion. Ambas as tentativas fracassaram.

### IMPOSTOS

Os chamados impostos de origem eclesiástica (bulas, galeras) e as tarifas alfandegárias tiveram, neste ano de 1566, os preços duplicados.

### IMPORTAÇÃO

Madri, 1566

Segundo dados de fontes importadoras, entraram na Espanha, de 1556 até agora, cerca de 300 toneladas de prata e 44 toneladas de ouro. Mas os produtores do Peru acham que os filões estão em fase de esgotamento.

## PADRE BORJA QUER

## SABER DE TUDO

Roma, 30, janeiro, 1567 (Do correspondente)

Como está o Brasil e de que modo vivem seus padres — estas as Juas perguntas, entre muitas outras, que o padre Francisco de Borja faz, hoje, ao visitador Inácio de Azevedo, ora no Brasil.

Padre Borja dirige ao visitador um veemente apelo: não escreva cartas apenas a Portugal, mas também a Roma.

A curiosidade de Borja é de objetivos altruísticos. Precisa saber qual a verdadeira situação no Brasil, para ajudar nos casos de necessidade. Sua carta, que começa por perguntas, também acaba numa interrogação:

«Os padres aí vivem de esmolas ou de rendas do rei de Portugal?»

## TOMOU POSSE

Rio de Janeiro, 3, setembro, 1566

«Quem está lá?» «É Estácio de Sá, capitão da cidade de São Sebastião, em nome do rei, que deseja entrar.»

Este diálogo, diante da porta principal da fortaleza de São Sebastião, entre Estácio de Sá e o alcaide Francisco Dias Pinto, foi o desfecho da solenidade de posse deste último.

Estácio, com as demais autoridades já constituídas, deixou a fortaleza, ficando Francisco Pinto atrás do portão, com os postigos arriados. Depois do breve diálogo, o alcaide abriu a porta da fortaleza, deixando passar o capitão e sua comitiva.

«Reconheço-o, afirmou então, como legítimo capitão da fortaleza de São Sebastião, de que sou alcaide.»

Com isso, a cidadela passou a constituir propriedade do rei de Portugal.

# Morte ataca na praia sem deixar vestígios

Rio de Janeiro, dezembro, 1567

As autoridades policiais estão às voltas com tenebroso enigma: junto ao rio Carioca, nas proximidades da casa de pedra ali existente, o serralleiro Francisco da Costa (português, casado e aparentemente sem inimigos) foi encontrado morto a flechadas.

## Esmeraldas na Bahia?

Pôrto Seguro, dezembro, 1567

A sêde de ouro e pedras preciosas continua, nesta região. Agora, informa-se que Martim de Carvalho, aqui radicado, partiu rumo ao sertão, com 50 ou 60 portugueses e índios.

Embora tenham mantido sigilo sobre seus objetivos nesta viagem, soube-se que os exploradores estão no encalço de uma suposta serra de esmeraldas existente a alguns quilômetros daqui.

## DOENÇA DO PRÍNCIPE É CHARADA

Lisboa, dezembro, 1567

Qual é a doença do menino Sebastião, neto de rei e filho de príncipe, que dentro de um mês subirá ao trono de Portugal?

Esta é a pergunta que fazem sua avó Catarina, seu tio Henrique, mamãe Joana, o imperador Filipe II e o povo de Espanha e Portugal.

Oito médicos que se reuniram para respondê-la, em fevereiro do ano passado, não chegaram a acôrdo. Apesar disso, cinco dêles receitaram-lhe purgações e sangrias, contra o parecer dos demais.

## Rússia concede livre comércio à Inglaterra

Moscú, 1567

Ivan IV, o Terrível, acaba de conceder aos súditos de Elizabeth, da Inglaterra, liberdade para comerciar através de suas novas conquistas do Volga e da Livônia. Ele procura, pela abertura do mar Branco, lutar contra o monopólio polonês.

Anuncia-se, também, nesta cidade, a reunião de um segundo «Zemski Sobor» (congresso da «Terra»), para ultimar providências relacionadas com a guerra contra a Polônia. A primeira vez que esta assembleia de delegados do alto-clero e dos boiardos se reuniu foi em 1550, e procedeu a uma reforma do «Soudiebnik», código de leis de Ivan III.

Mas este segundo «Zemski Sobor» deverá tratar pouco de assuntos administrativos. O tema principal será mesmo a guerra contra a Polônia, que tem agora anexada a seu território a Livônia, que Ivan se empenha há tanto tempo em dominar.

Junto da vítima, encontraram-se todos os objetos de uso pessoal com que ele saíra de casa. O corpo não apresenta indícios de ter sido arrastado, o local do crime é êrmo e o assassino ou assassinos teriam agido de madrugada.

D. Jerônima Rodrigues (mulher de Francisco) e seu sobrinho Gaspar, submetidos a interrogatórios, nada informaram de importante para desfazer o mistério.

## PASSIONAL

A primeira luz sobre o crime proveio de uma denúncia anônima: «se querem o criminoso — afirmo o denunciante — procurem-no entre os admiradores da mulher da vítima. Entre êstes, investiguem, principalmente, o passado de um Jorge da Mota».

Mota foi prêsso e também submetido a interrogatório. Sobre suas ligações com D. Jerônima disse que eram ape-

nas bons amigos. Com a vítima também mantinha as melhores relações.

Noutra parte da denúncia anônima dizia-se que Mota fôra visto nas imediações do local do crime, com arco e flechas. O acusado desmentiu cabalmente tais fatos, concluindo:

«Algum inimigo meu denunciou-me para prejudicar-me.»

# Governador (Rio) faz baixar preço de vinho

Rio de Janeiro, dezembro, 1567

O vinho com que soldados e marinheiros saudaram a vitória sobre os franceses, as conquistas de amor ou o encontro de velhos amigos foi, agora, nesta cidade, motivo de sério atrito do governador Men de Sá e os comerciantes que o vendem.

A população estava impossibilitada de consumir o bom e generoso vinho português, em virtude de seu alto custo.

# “PADRE DE OURO” DIZ QUE FALA COM O DIABO

Olinda, dezembro, 1567 (Do correspondente)

Um padre que veio para cá exilado de Portugal e logo se fez amigo inseparável do donatário de Pernambuco, sr. Duarte de Albuquerque Coelho, diz que conversa com o diabo, é alquimista e localiza minas de ouro e prata por insinuações do próprio demônio.

O padre é Antônio de Gouveia, mas o povo o trata aqui de «Padre de Ouro». É verdade que ninguém o viu ainda em conversa com o diabo, mas sabe-se que o sacerdote foi exilado por entregar-se à necromância em Portugal e ali a Inquisição o processou.

Gouveia insinuou-se de tal modo junto ao donatário, que este o considera elemento de grande utilidade.

«Isso, disse-nos uma pessoa ligada a ambos, se deve a que Duarte de Albuquerque vive seduzido pela miragem das minas de prata e o padre se propõe a descobri-las dentro de pouco tempo.»

Men de Sá reuniu os comerciantes e os intimou a vender vinho a retalho.

— Quanto querem por uma canada?, indagou dêles.

— Naturalmente, responderam os negociantes, um preço alto, porque o vinho é coisa rara no Brasil, e, como tal, tem de ser bem remunerado.

O governador, indignado, tirou o capacete e retrucou:

— Pois bem. A canada será vendida ao preço que

os senhores desejarem, mas a medida do vinho será a que meu capacete puder conter.

Ao que nos informou um dos comerciantes, o capacete de Men de Sá é um pouco avantajado e, como os negociantes já tinham fixado preço ao quartilho, a margem de lucro no negócio de bebidas não ficou sendo das maiores. Os apreciadores, contudo, ficaram satisfeitos com a decisão do governador.

# Capitão de Málaca acabou partida de damas para guerrear

Málaca, outubro, 1567

O governador desta cidade, capitão Leoniz Pereira, estava jogando damas na fortaleza, quando um de seus ordenanças veio comunicar-lhe: «Málaca está cercada por tropas e navios do sultão de Achém». Leoniz fez-lhe um gesto para que esperasse, liquidou de um golpe três pedras do seu contendor, ganhou a partida. E, voltando-se para o ordenança, depois de levantar-se da mesa-tabuleiro:

— Pois que cada pessoa, cada soldado esteja em seu lugar!

Os soldados (apenas duzentos) repeliram, com a

ajuda de uns poucos sacerdotes e indígenas simpáticos à causa portuguesa, a poderosa força do sultão, depois de alguns dias.

«Málaca, afirmou um oficial, salvou-se por milagre. Ou não era chegada ainda a ocasião de ela perder-se»

## IMPÉRIO SE DESFAZ

Goa, dezembro, 1567

Enquanto o governador da Índia, sr. Antão de Noronha, cerca esta cidade para torná-la invulnerável aos ataques, o domínio português no Oriente como se desfaz diante da

tempestade que se aproxima.

Êste ano, Noronha, em pessoa, com pouquíssimos recursos, ocupou Mangalor e ali construiu uma fortaleza. Mas nem isso parece ter infundido temor aos príncipes orientais.

Agora mesmo chegam notícias de que estaria iminente um ataque em massa à sede do governo português nas Molucas. O capitão do grupo destas ilhas, atualmente em Ternate, é o sr. Diogo Lopes de Mesquita. Pois depois de destronar o rei títtere das Molucas, Diogo persegue-o, causando mal-estar entre os indígenas. Espe-

ra-se ali o momento da vindita com terrível ansiedade.



*Antão de Noronha*

ANTÃO DE NORONHA